



EMINISMO E FILOSOFIA: EM BUSCA DE UMA COMPREENSÃO FEMINISTA DO PROBLEMA DA FUNDAMENTAÇÃO DA MORAL

Maria Aparecida Oliveira*

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo analisar o problema da fundamentação da moral, tendo como referencial filosófico a crítica às formulações androcêntricas desenvolvidas pela Filosofia contemporânea. Esta crítica tem como aporte a crítica feminista desenvolvida por filósofas que, ao longo da História, procuraram expor os aspectos patriarcais presentes nas elaborações de autores clássicos, bem como, tentaram desenvolver uma compreensão do problema da fundamentação moral em nossa época, dentro de uma perspectiva de superação destes aspectos. Para tanto, fundamentamos nossa exposição a partir das elaborações de Zirbel e Pereira, a respeito da história do movimento feminista e da aproximação de algumas intelectuais deste movimento com os problemas e reflexões filosóficas. Por fim, procuramos trabalhar uma compreensão propositiva do problema moral tendo como referência as formulações propostas pela Ética do Cuidado, a partir da obra *Uma Voz Diferente* de Carol Gilligan.

Palavras-chave: Feminismo, Filosofia, Moral.

FEMINISM AND PHILOSOPHY: IN SEARCH OF A FEMINIST UNDERSTANDING OF THE PROBLEM OF THE FOUNDATION OF MORALS

Abstract:

This article aims to analyze the problem of the foundation of morals, having as a philosophical reference the criticism of androcentric formulations developed by contemporary Philosophy. This criticism is supported by feminist criticism developed by philosophers who, throughout History, sought to expose the patriarchal aspects present in the elaborations of classic authors, as well as, they tried to develop an understanding of the problem of moral foundations in our time, within a perspective of overcoming these aspects. To this end, we base our exposition on the elaborations of Ziberman and Pereira, regarding the history of the feminist movement and the approach of some intellectuals from this movement with philosophical problems and reflections. Finally, we seek to work on a propositional understanding of the moral

* Concludente do Curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia e aluna da Disciplina Ética do Cuidado em Saúde e Educação da Universidade Estadual do Ceará.



problem with reference to the formulations proposed by the Ethics of Care, based on the work *A Different Voice* by Carol Gilligan.

Keywords: Feminism, Philosophy, Morals.

1. Introdução

Este texto tem como objetivo explicitar algumas páginas da história da Filosofia que vêm sendo negligenciadas ao longo dos séculos: a presença das mulheres e das críticas que estas fizeram aos elementos patriarcais, desenvolvidos nas principais concepções filosóficas da sociedade moderna.

Por muito tempo, a voz das mulheres no interior da discussão filosófica veio sendo silenciada e sua presença apagada dos anais da história do pensamento. Contudo, a forma como escolheu-se aqui fazer o levantamento da presença das mulheres nas discussões filosóficas foi a partir de um dos debates mais acalorados e duradouros nas últimas décadas: o problema da fundamentação da moral.

Tal exposição leva este artigo a tratar inicialmente com questões preliminares importantes, tais como: *metodologicamente*, como é possível uma apropriação feminista dos problemas e questões trazidos pela filosofia? Esta questão já pressupõe uma indagação de *ordem histórica*, que seria: como deu-se o processo de formação do movimento feminista e como as feministas se aproximam das discussões e formulações filosóficas?

Para tanto é importante situar o que se entende aqui como *feminismo*. Como afirma Pereira, a palavra “*feminismo* do qual deriva o adjetivo *feminista* envolve uma gama de múltiplos significados que envolvem diferentes formas de fundamentar teórica e politicamente a luta das mulheres” (PEREIRA, 2023, 205-210). Estas diferentes concepções sobre o termo “*feminismo*” surgem do contexto histórico da luta das mulheres ao longo do tempo. Por este motivo, a presente exposição desenvolverá em seus tópicos iniciais alguns aspectos da história do movimento feminista, enquanto movimento político. Esta apresentação terá como referência a noção de “*ondas*” desenvolvida por Zirbel (Cf. ZIRBEL 2021).



Esta formulação ajuda não apenas a situar os marcos da luta feminista, mas também de que forma este movimento vem se desenvolvendo ao longo do tempo. Após esta exposição sumária das “ondas” do movimento feminista passa-se para a compreensão sintética dos debates teóricos envolvendo o diálogo crítico das feministas com as diferentes correntes de pensamento filosófico na contemporaneidade. A exposição deste diálogo é feita a partir das elaborações de PEREIRA (2023, 2020) e GILLIGAN (1982).

Finalmente, apresenta-se os aspectos gerais da Ética do Cuidado a partir do trabalho de Carol Gilligan elaborada na obra *Uma Voz Diferente* e a sua proposta de uma ética da complementaridade.

2. As “ondas” do movimento feminista

Inicialmente, é preciso observar a forma de entender a história do movimento feminista a partir da noção de “ondas” como um recurso ilustrativo. Segundo Zirbel, as grandes manifestações feministas não ocorrem senão após um período de lutas específicas cotidianas, que, apesar de não aparecerem diretamente, contribuem, em determinado momento, para uma escalada gradual destas mobilizações. Desta forma, aquilo que se pode entender como o momento culminante de cada “onda”, como bem ressalta Zirbel, é o produto de fenômenos e movimentos que não aparecem sempre na superfície (ZIRBEL, 2021, p. 10). Por este motivo, se a imagem da onda ajuda a ter umanoção *aproximativa* da dinâmica histórica do movimento feminista, ela, contudo, não pode ser vista como a principal forma de compreensão histórica deste movimento.

Historicamente, a primeira onda feminista ocorre a partir do final do séc. XIX até as primeiras décadas do séc. XX, principalmente nos países da Europa ocidental e nos Estados Unidos da América. Entre as razões para que essas manifestações se dessem inicialmente nestes lugares, está a contradição ali presente entre a igualdade universal afirmada nas constituições destas sociedades e a situação de subordinação social das mulheres que se mantém. Esta contradição cria, pois, um precedente político a partir da qual surge o clima de indignação e irrompe as primeiras grandes manifestações feministas. Gradualmente essas manifestações tornam-se em



movimentos de massas protagonizados pelas mulheres (ZIRBEL, 2021, p. 13).

Como saldo deste primeiro período, além da criação de várias organizações feministas locais, é durante a primeira onda que se formam associações feministas internacionais, como a *Aliança Internacional para o Sufrágio Feminino* e o *Conselho Internacional de Mulheres*. Nos países da Europa ocidental e nos EUA, ela é interrompida com a ascensão das duas grandes guerras mundiais.

Ao final deste período, Zirbel faz um balanço onde conclui que, se após a Segunda Guerra, grande parte dos países do ocidente reconhecem o direito das mulheres ao sufrágio universal, culminando com a *Declaração Internacional dos Direitos Humanos* em 1948, onde se reconhece a igualdade entre os sexos, por outro lado, há um arrefecimento das lutas de massas do movimento feminista nesta parte do mundo (ZIRBEL, 2021, p. 15).

Com a volta dos homens da Segunda Guerra Mundial, vários postos de trabalho que haviam passado a admitir mulheres voltaram a fechar-se para elas, enquanto o Estado passa a financiar políticas natalistas, havendo assim uma tentativa de vários setores dominantes para a restrição das mulheres ao ambiente doméstico. Por outro lado, se a primeira onda diminui no ocidente, é nos países da África, da América Latina e do sudeste asiático que as grandes lutas feministas têm sua continuidade (ZIRBEL, 2021, p. 15-16).

Contudo, se ao início da década de 1950, há uma diminuição da primeira grande onda de mobilizações de massa do movimento feminista no ocidente, essas mobilizações passam a ocorrer, após a Segunda Guerra Mundial, na Ásia, na África e na América Latina, onde as organizações feministas apresentavam-se pela primeira vez (ZIRBEL, 2021, p. 16). Mesmo no ocidente, várias organizações feministas permaneceram atuantes e as mulheres agora desfrutavam de algumas das conquistas do movimento anterior (como o acesso ao ensino formal, o direito de participação política, etc.). A literatura feminista começa a ter acesso a um público maior e as novas gerações de feministas trazem novos temas que passam a ocupar os debates.

Durante a década de 1960, as lutas sociais dos países do sudoeste da Ásia, da África e da América Latina atingem o seu ponto mais alto e começam também a repercutir nos países ocidentais. Surgem, por exemplo, a luta pelos direitos civis dos



negros nos Estados Unidos protagonizados Rosa Parks, Ângela Davis (que faz uma crítica do racismo dentro de um recorte feminista), Malcolm X e Martin Luther King, além das mobilizações durante o mês de maio do ano de 1968 na França.

Esta maré de mobilizações finalmente atinge o movimento feminista nos países da Europa ocidental e nos Estados Unidos durante as décadas de 1970 e 1980. Neste período, as organizações feministas voltam a aparecer com grandes manifestações. Em relação às mobilizações do período anterior Zirbel afirma, que, nesta segunda onda, a crítica feminista da sociedade apresenta uma compreensão mais consolidada da noção de dominação e opressão entre os sexos (ZIRBEL, 2021, p. 18).

Durante a segunda metade da década de 1980, mas, principalmente, a partir da década de 1990, além do enfraquecimento das mobilizações feministas no ocidente, tem-se a formação de uma narrativa (veiculada por vários setores da grande mídia) de que as conquistas feministas haviam sido finalmente alcançadas. Desta forma, o movimento feminista, para os setores dominantes, já poderia ser olhado como algo do passado. Esta narrativa aparece representada em expressões como “geração pós-feminista” direcionada às mulheres que atingiam a maturidade nesta época, como a geração que agora desfrutava das conquistas históricas deste movimento.

Contudo, apesar das questões problemáticas que apareceram neste período, a revolução das tecnologias da comunicação possibilitou a ampliação de conceitos (gênero, interseccionalidade, consubstancialidade de poder, conhecimento situado) e questões (relacionadas ao capacitismo e ao etarismo; problemas enfrentados por pessoas transgêneras e transexuais; por mulheres indígenas e comunitaristas) que tinham origem nos círculos feministas.

Na virada para o novo milênio as mobilizações feministas começam a reaparecer na forma de manifestações de massas, mas apresentando um diferencial que antes não tinham, sobretudo a partir da década de 2010. Tal diferencial seria a realização de campanhas envolvendo, simultaneamente, grandes manifestações presenciais e mobilizações virtuais em redes sociais e mídias digitais. Para demonstrar que a terceira onda é de fato uma realidade nas últimas décadas, Zirbel aponta inúmeras manifestações no Brasil e no mundo e de como estas se relacionam mais diretamente, uma vez que a



mobilização virtual nas mídias digitais estabelece um alcance maior do que havia até a segunda onda.

A seguir, observa-se como a dinâmica das “ondas” do movimento feminista repercutiu na produção teórica deste movimento e de que maneira este acúmulo teórico e político permitiu a fundamentação da proposição de uma filosofia e uma ética feministas.

3. Para uma filosofia e uma ética feministas

A partir do exposto acima, dar-se-á sequência abordando agora as discussões teóricas das feministas e como estas desenvolveram a proposta de uma filosofia e uma ética feminista. Para tanto, apoia-se neste artigo, em dois materiais produzidos por Viviane Pereira. O primeiro é o artigo *Uma Introdução à Filosofia Feminista* (Cf. PEREIRA, 2023), onde faz uma reflexão sobre a produção feminista das duas primeiras ondas e em que sentido é possível se pensar uma filosofia feminista. O segundo é o artigo *O Problema da Fundamentação da Moral e a Ética Feminista* (Cf. PEREIRA, 2020), com o objeto de expor a crítica feminista a respeito da fundamentação moral.

Pereira parte da afirmação de que, assim como há diferentes feminismos, há igualmente diferentes filosofias feministas (PEREIRA, 2023, p. 205-206). Sua formulação procura explorar (a partir da exposição de Zirbel comentada acima), sobre a produção teórica das feministas especialmente durante a primeira e a segunda onda, no sentido de apresentar como esta produção se relaciona aos problemas e as formulações do pensamento filosófico em geral.

A necessidade de as feministas desenvolverem a crítica das concepções teóricas dominantes se dá principalmente pelo fato de que, desde a primeira onda, tal crítica era essencial para fundamentar as reivindicações das mulheres. Durante este primeiro período, a crítica teórica do movimento feminista era de natureza autodefensiva: consistia em desconstruir as elaborações pretensamente científicas, filosóficas, e teológicas que apresentavam as mulheres como “naturalmente” inferiores aos homens para deslegitimar politicamente as reivindicações das mulheres (PEREIRA, 2023, p. 206).

Citando a obra *Um Teto Todo Seu* de Virgínia Wolf, a autora afirma que:



Vale ainda destacar que nessa mesma obra a autora aborda questões psicológicas envolvidas em afirmações estereotipadas e, portanto, não fundamentadas racionalmente de maneira plausível, mas que têm consequências nocivas sobre a vida de outras pessoas. Esse é o caso de preconceber a inferioridade das mulheres, postulando que se é melhor do que elas, motivado pelo desejo de sentir-se bem. Podemos afirmar que a circulação de textos com esse tipo de conteúdo foi um resultado positivo do compromisso intelectual dessa primeira onda feminista (PEREIRA, 2023, p. 208-209).

Já na segunda onda, a crítica feminista não se limita mais em defender-se das proposições dominantes a respeito do papel da mulher. As intelectuais feministas desta época observam que os conteúdos machistas e sexistas das correntes dominantes poderiam ter sua origem não apenas na origem de seus autores (todos em sua maioria homens). Além deste fato, as feministas ponderavam que o conteúdo sexista das visões de mundo androcêntricas também se originava da fundamentação teórica e metodológica destas últimas.

É neste contexto que se tem as primeiras aproximações do feminismo com a filosofia e a busca por uma fundamentação filosófica feminista. Mas quais os caminhos para a formação de uma filosofia voltada nesta direção? Fazendo uma avaliação da produção crítica do movimento feminista nas duas primeiras ondas, Pereira conclui que a crítica feminista das elaborações filosóficas se dava no seguinte sentido:

[...] assim como há diferentes feminismos, há igualmente diferentes filosofias feministas (teorias e métodos). Nas duas primeiras ondas do feminismo, ao expor e criticar o sexismo presente, em particular, em textos de importantes filósofos ocidentais, os quais eram usados para justificar a opressão das mulheres, ou 1) se termina buscando ser mais consequente do que eles, mostrando as contradições entre as teses filosóficas defendidas por eles e suas afirmações sexistas, ou 2) se termina por mostrar que o preconceito valorativo desses autores em relação às mulheres são consequência dos próprios princípios defendidos por eles em suas teorias, de tal modo que se questiona, não apenas parte do conteúdo de suas teorias, mas igualmente seu fundamento e o método adotado para justificá-lo. Isso, por sua vez, só pode ser feito quando ou i) se busca outros/as autores/as como aliados/as, que não estavam preocupados/as com causas feministas ou que estavam preocupados/as com apenas algumas dentre elas, mostrando como o desenvolvimento de suas teorias, inclusive em outros campos da filosofia, pode contribuir para a reflexão de certas causas feministas, ou ii) se constrói novos fundamentos e métodos filosóficos (PEREIRA, 2023, p. 211).

A partir destas duas visões, Pereira caracteriza toda esta produção (partindo dos trabalhos de Janet Radcliffe Richards e Judith Evans) em dois grandes grupos que



partem de elaborações distintas sobre o significado do *feminismo* (PEREIRA, 2023, p. 211). O primeiro seria o “feminismo liberal” ou igualitário. Ele engloba as correntes que defendem o feminismo a partir da ideia de *igualdade entre os gêneros*. Esta corrente tem *caráter reivindicatório*, vindo da contestação das correntes científicas, filosóficas e teológicas que afirmavam a inferioridade das mulheres em relação aos homens. Seu objetivo político consiste *na equiparação das relações de gênero*. Este posicionamento acaba sendo relacionado filosoficamente ao *iluminismo europeu*. Isto porque esta corrente feminista se apoia no princípio iluminista de que todos (homens e mulheres) são igualmente racionais e da ideia de liberdade enquanto autonomia dos indivíduos.

A segunda corrente é chamada de “feminismo radical”, afirma que o fim da exploração das mulheres só poderá ocorrer com a fundação de novas relações humanas e transformações radicais no “*status quo*”. As visões filosóficas que se relacionam de alguma maneira a esta concepção, tornam-se realmente visíveis com o avanço da segunda onda feminista. Elas afirmam que a *universalidade* é uma construção que, na verdade, expressa uma *visão particular* do mundo. Neste sentido as visões filosóficas predominantes, apesar de se pretenderem alheias a qualquer tipo de visão específica da realidade, estavam apresentando suas visões de mundo a partir de um olhar *androcêntrico* (PEREIRA, 2023, p. 211-212).

As elaborações filosóficas que, direta ou indiretamente partem desta concepção de feminismo defendem uma filosofia feminista que se apresente como uma nova concepção do universal, capaz de propor uma nova visão da realidade.

Este tipo de elaboração irá propor uma nova leitura da formação dos valores e dos pressupostos teóricos que fundamentam o nosso juízo moral, como veremos mais adiante (PEREIRA, 2023, p. 212).

4. A filosofia feminista e o debate sobre a discussão moral

Viviane Pereira no artigo intitulado *O Problema da Fundamentação da morale a Ética Feminista* formula o problema da fundamentação da moral na história da filosofia. Refletindo uma citação de Virgínia Woolf (PEREIRA, 2020, p. 2), a autora



procura apresentar como o problema da fundamentação moral se apresenta no contexto das relações humanas.

Este problema tem fundamental importância na medida em que estas relações são, de alguma forma, baseadas em algum tipo de sujeição (seja ela de caráter social, étnico-racial, de gênero, econômica, etc.). Neste sentido a reflexão sobre quais os critérios deveriam fundamentar nosso juízo moral apresenta-se como uma maneira seja de legitimar ou de desconstruir estas formas de dominação.

Na história da humanidade encontramos o exemplo de reformadores/as e morais reformadoras que trouxeram propostas de uma nova moral em sua época e apresentaram boas razões para se segui-la. Seria absurdo pensar hoje, especialmente quando nos vemos perdidos diante de tantos conflitos morais, que leis e valores não devam continuar em aberto, acreditando que eles surgem espontaneamente da natureza, da sociedade, de uma razão pura etc. Isso seria o mesmo que descaracterizar e desconsiderar os atributos humanos, os quais são fundamentalmente diferentes, e acobertar os interesses particulares e/ou coletivos que estão por detrás da tentativa de manter, muitas vezes a todo custo, uma concepção moral antiga ou vigente e, com ela, a dita “superioridade inata” de determinadas maneiras de ser e viver (PEREIRA, 2020, p. 3-4).

Diante deste contexto, a filósofa indaga se grande desafio da Ética talvez “seja apresentar as diferentes maneiras de justificar racionalmente a moral e, com isso, eleger algum princípio ético fundamental justificado racionalmente que pretenda orientar melhor as ações dos seres humanos” (PEREIRA, 2020, p. 4). Para tanto, o problema da fundamentação da moral já aparece quando nos perguntamos o que caracterizaria uma reflexão racional dos nossos valores. Seria possível isolar a racionalidade humana das nossas emoções e afetos, a partir da mesma, estabelecer um princípio moral de forma totalmente abstrata?

Partindo deste problema, Kant elabora o princípio do *imperativo categórico*. Tal princípio pretende deduzir de forma totalmente abstrata uma norma moral de validade absoluta que sirva como base para a construção dos demais juízos morais. Sobre esta fundamentação kantiana, Pereira traz um questionamento importante:

O problema desse tipo de fundamentação foi, portanto, ter entendido a obrigação moral (o que eu me vejo obrigada a fazer, porque é bom e, portanto, dá sentido à minha existência) sem reciprocidade, supondo que a escolha moral pelo que possui um sentido bom tenha um sentido absoluto ou consista puramente em racionalidade (TUGENDHAT, 2003, p. 15), como se para ele, não julgássemos apenas como membros de uma comunidade (internalizando hábitos, crenças e autoridades presentes nos



costumes ligados pela tradição) e como se os afetos não tivessem uma conexão fundamental com juízos morais, podendo estes ser puros (PEREIRA, 2020, p. 5).

Kant, desta forma, desconsidera a influência das determinações sociais e da relação dos afetos no juízo moral. Refletindo sobre os limites das concepções morais dogmáticas a autora chama atenção para o fato de que, a despeito de suas particularidades, todas partem de uma forma conceber as normas morais onde não se leva em conta o contexto social e histórico em que estas são elaboradas (PEREIRA, 2020, p. 6).

A ética normativa, portanto, não é neutra, nem absoluta, embora suas proposições se apresentem com esta pretensão. Tais concepções chamam exatamente a atenção para o fato de que as visões filosóficas dominantes formulam seus princípios, a partir de raciocínios universais que pensam estar acima do contexto histórico em questão formulados, quando, na verdade, representam *visões particulares*.

Vê-se, portanto, que as propostas produzidas pelas reflexões morais dominantes, embora sejam construídas com um profundo rigor analítico, acabam muitas vezes entrando em contradição consigo mesmas quando se põe a refletir sobre o caráter de subordinação existente nas relações humanas.

É precisamente o questionamento desta forma de construir os juízos morais que Carol Gilligan (1982) irá propor uma nova reflexão da fundamentação da ética. Esta proposta tenta resgatar a reflexão do feminismo radical de uma nova compreensão da filosofia, ou seja, como uma filosofia e uma ética feminista.

5. Para uma Filosofia e uma Ética Feminista: uma aproximação com a Ética do Cuidado a partir do pensamento de Carol Gilligan

Historicamente, a Ética do Cuidado passou por duas fases ou gerações de pensadoras como Badinter (BADINTER, 1985) e Zanello (ZANELLO, 2016), que abordaram, inicialmente, a categoria do cuidado como resultante de algumas emoções e virtudes e sua relação com a elaboração de juízos morais, apontando os limites da concepção moral de caráter racionalista que aponta estes elementos como exteriores a moral e a justiça. A seguir, vieram as pesquisadoras que tomaram a vulnerabilidade e



as necessidades humanas como elementos essenciais para se compreender a formação da moralidade e da política. Nessas duas gerações, o cuidado é considerado como uma responsabilidade individual e coletiva. A *Ética do Cuidado*, portanto, pressupõe a crítica à ideologia de gênero, nos diversos cenários da sociedade, e, a partir da categoria do cuidado, insere uma nova perspectiva na compreensão da formação de nossa moralidade.

Para a autora de *Uma Voz Diferente* existem duas concepções a respeito do comportamento moral: uma “masculina,” considerada como a “voz padrão da moralidade”, pela qual as decisões morais têm como fundamento as noções de justiça, de respeito aos direitos individuais e às normas universais. A outra voz da moralidade é a “feminina,” pertinente às mulheres, que Gilligan (GILLIGAN, 1982, p. 11-14) denomina “voz diferente,” por se referir aos problemas morais em uma nova perspectiva, de forma associada às experiências e à conexão com o outro, preservando as interações voltadas ao cuidado, na tomada de decisões morais.

A *voz masculina* aparece diretamente no discurso moral que dissocia a reflexão racional do contexto e do conjunto de relações humanas. Ela extrai as normas e regras morais a partir de critérios unicamente universais e necessários. Por sua vez, a *voz feminina* do pressuposto de que cada pessoa lida, de forma diferente, com os problemas morais. Estas diferenças aparecem relacionadas às relações e interações que inevitavelmente influenciam na determinação das escolhas morais.

O *cuidado* não deve, portanto, ser visto como uma virtude essencialmente feminina, individual e distanciada da justiça, mas como parte de uma *moralidade universal*, que deve ser praticada e desenvolvida por todas as pessoas, independente do seu sexo. A “*Ética do Cuidado*”, portanto, surge como um aprofundamento das formulações feministas no campo da *Ética* a partir da crítica ao androcentrismo.

Não obstante, a elaboração de uma formulação ética tendo o cuidado como sua categoria fundante sempre fora obstaculizada por uma compreensão desta dimensão situada a partir da divisão de atributos entre masculino e feminino, e a exclusão dos valores que envolvem o cuidado do campo da discussão moral justamente por serem considerados “femininos”. Zanello (ZANELLO 2016, p. 113-114) mostra, por exemplo, como os valores relativos ao cuidado aparecem enraizados na sociedade



atual, como um “dispositivo materno” que diz respeito:

[...] a um lugar de subjetivação no qual as mulheres são constituídas como cuidadoras “natas”. [...] Esse dispositivo se construiu historicamente, sobretudo a partir do século XVIII, momento esse no qual a capacidade de maternagem foi compreendida como desdobramento da capacidade de procriação (ZANELLO, 2016, p.113-114).

Este “dispositivo materno” é complementar ao conceito de “boa-mãe” instituído pelo “Mito do Amor Materno” exposto por Badinter (1985, p. 23), que leva as mães a se anularem diante das suas responsabilidades com os seus filhos. O cuidado, dentro da proposição androcêntrica, é o valor mais importante, mas unicamente no âmbito da *esfera doméstica* (que seria o *locus* de vivência das mulheres) e, portanto, o papel que cabe às mulheres, seria o de cuidar.

As consequências deste tipo de construção coletiva geraram e geram, até hoje, várias situações de sofrimento para as mulheres, pois ecoam um discurso e um papel social que se funda na dominação masculina. As crises financeiras vivenciadas pelas mulheres, por exemplo, levaram-nas a sentirem a necessidade de buscar outras atividades capazes de assegurar sua própria sobrevivência, o que lhes acarreta frequentemente sentimentos negativos, sentindo-se culpadas por ter que, “egoisticamente”, estarem sendo injustas com aqueles a quem amam.

Mesmo assim, elas procuram conciliar suas atividades profissionais com aquelas próprias ao cuidado com os seus, para que estes não sejam tão prejudicados. Tal situação, frequentemente, gera crises em seus relacionamentos. Nesse sentido, as mães, dividem-se entre serem provedoras financeiras e provedoras de cuidado, encontrando-se um lugar de maior desgaste.

Uma teoria moral que conduza ao predomínio da voz masculina sobre a feminina, preserva esta atribuição do cuidado em sua estrutura conceitual. Isso porque seus pressupostos se baseiam na ideia de hierarquização e dualismo. É dentro desta perspectiva que a Ética do Cuidado ressignifica a categoria do *cuidado* no sentido da superação desta ordem de dualismos dissociativos entre o que seriam atribuições e valores de ordem masculina e feminina.

Em sua obra *Uma Voz Diferente* Gilligan a filósofa afirma (GILLIGAN, 1982,



p. 19) que a identidade de gênero masculina é ameaçada pela *intimidade*, ao mesmo tempo em que a identidade de gênero feminina é ameaçada pela *separação*. Ela entende, também, que a “voz diferente” que as mulheres possuem é a voz do *cuidado*, em contraposição à voz da *justiça* presente nas concepções e discursos androcêntricos.

A partir desta diferenciação das vozes do discurso moral, Gilligan irá propor uma elaboração ética fundada na complementaridade destas vozes.

6. Considerações Finais: por uma ética da complementaridade

As pesquisas de Gilligan concluíram que meninos e meninas, em seu desenvolvimento psicológico e moral, podem assumir comportamentos éticos discrepantes entre si, ainda que a chegada à maturidade moral só ocorra “quando os indivíduos percebem a complementaridade existente entre suas perspectivas e a possibilidade de conciliá-las” (GILLIGAN, 1982, p. 100). Assim, tanto a moralidade masculina, que se volta à necessidade de respeitar os direitos dos outros, quanto a moralidade feminina, que aponta para o cuidado responsável dos outros, devem ser acatadas como complementares, o que se institui em defesa da “voz moral diferente.”

O reconhecimento da *complementaridade* permite superar o falso dualismo aceito pelas teorias morais androcêntricas. Cuomo define esse dualismo como uma concepção errônea da realidade, criada para manter a estrutura de poder e de dominação, negando a possível coexistência do masculino e do feminino num mesmo indivíduo. É necessário, portanto, que se reestruturem os comportamentos éticos para que o “raciocínio feminino” seja aceito, em confronto com o “raciocínio masculino” (CUOMO, 1992, p. 360).

Nessa perspectiva, é importante definir valores, como o cuidado, o afeto e a reciprocidade nas relações, adequando-os epistemológica e moralmente às necessidades e aos anseios das mulheres, pertencentes ao grupo subordinado. Também, não se deve rejeitar totalmente o “eu autônomo masculino” para adotar somente o “eu relacional feminino” como a base de uma teoria ética (GAARD, 1997, p. 15).

Gilligan, desta forma, aponta os meios para a formação de uma moral onde todos possam construir sua identidade e conhecer os valores de gênero que incentivem a prática do cuidado. Tal norma moral *também deve ser realizada por homens* e não



apenas como uma prática exclusiva das mulheres. Tendo em vista que o conceito de *cuidado responsável* é o escolhido para julgamentos de conflitos morais na ética do cuidado, a elaboração da autora de *Uma Voz Diferente* refuta, portanto, o entendimento hegemônico que se tem sobre o fundamento da moral, qual seja: o de que a autonomia deva se guiar por um conjunto de regras autodadas.

A partir desta compreensão, a autora se propõe a desenvolver uma crítica ao que ela percebe como uma “voz masculina” majoritária, que se manifesta nas teorias do desenvolvimento moral, baseadas na filosofia moral hegemônica que igualmente valoriza o masculino (androcentrismo) em detrimento do feminino.

Mas de que forma a proposição moral androcêntrica aparece no discurso das éticas deontológicas? Ao longo da vida também dependemos muito do cuidado de outras pessoas. Entretanto, este aspecto é invisibilizado pelos sistemas morais baseados em imperativos estritamente racionais, na medida em que estes compartilham do entendimento de que a sociedade deve ser constituída por indivíduos autônomos e independentes. Pôr o cuidado no centro de uma reflexão ética é trazer para debate algo básico que é a *interdependência* entre os indivíduos.

Além da imagem de sustento da vida humana pelo cuidado, a ideia do surgimento e da continuidade da vida mostra como cada ser humano, ainda que autônomo, precisa de uma forma ou de outra ser cuidado ao longo da vida, sendo o cuidado sua característica mais relevante. O cuidado não é apenas uma ação específica que visa restituir um estado de saúde a alguém doente. Envolve uma permanente atenção e apoio ao ser humano para que alcance e mantenha o florescimento pleno e realize o desígnio alegórico que está em sua origem. Cuidado é, portanto, uma habilidade constitutiva do ser humano. (KUHNEN, 2015, p. 39).

Nessa perspectiva, o cuidado diz respeito à *superação da dicotomia hierárquica entre homens e mulheres*. A razão não pode ser concebida como um atributo unicamente masculino, nem a emoção algo inerente ao universo feminino. A conclusão que as proposições de Gilligan indicam é a de que é imprescindível, a aceitação de que nem todos os dilemas no campo da moralidade podem ser solucionados meramente a partir da aplicação de princípios e noções universais e necessárias de justiça.

De acordo com as definições da referida autora, a ética do cuidado está em consonância com as reivindicações feministas nos termos das teorias morais, uma vez



que leva em consideração a vivência moral das mulheres e coloca em pauta o elemento “gênero” no centro da discussão sobre a moralidade (Cf. KUHLEN, 2015, p. 107).

Finalmente, a importância da obra de Gilligan se destaca principalmente pelo fato de reafirmar o principal objetivo da luta feminista que é a construção de um mundo onde as diferenças entre gêneros não sejam justificativa para a opressão e exploração das mulheres, mas o ponto de partida para o estabelecimento de pontes de fraternidade, capazes de alçar um novo marco na evolução das relações humanas.

7. Referências Bibliográficas:

- BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado**: o mito do amor materno. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- GAARD, G. Ecofeminism and Wilderness. **Environmental Ethics**, v. 19, n. 1, p. 5- 24, 1997.
- GILLIGAN, Carol. **Uma Voz Diferente**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.
- KUHLEN, Tania Aparecida. **O princípio universalizável do cuidado**. [Tese de Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Departamento de Filosofia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.
- PEREIRA, Viviane Magalhães. O problema da fundamentação da moral e a ética feminista. Porto Alegre, **Veritas, Revista de Filosofia da PUCRS**, v.65. n 1, p. 1-12. Jan-mar.2020.
- PEREIRA, Viviane Magalhães. Uma Introdução à Filosofia Feminista. Belo Horizonte, **Sapere Aude, Revista de Filosofia da PUCMG**, v.14. n 27 p. 202-222. Jan-jun.2023.
- ZANELLO, Valeska. Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a psicologia. In: ZANELLO, Valeska; PORTO, Madge (Org.). **Aborto e (não) desejo de maternidade(s)**: questões para a psicologia. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016. p. 103-122.
- ZIRBEL, Ilze. **Uma teoria político feminista do cuidado**. [Tese de Doutorado em Filosofia]. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2016.